

A HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA

Greg King*

Qual foi o processo de escritura da Torah e do Pentateuco?¹ Como se deu a sua composição?² Ou seja, o autor (ou autora³) simplesmente recebeu visões e escreveu palavra por palavra consoante o que ouviu e viu em seu êxtase? Usou ele fontes escritas? Chegou ele a incorporar fontes orais? Outrossim, quem foi o autor de fato? Com efeito, são realmente importantes essas indagações? Por quê?

Enquanto o cristão comum considera Moisés o autor dos cinco primeiros livros da Bíblia, os eruditos bíblicos deste final de século em sua maioria consideram que os questionamentos pertinentes à composição do Pentateuco são mais bem explicados pela Hipótese Documentária (doravante, HD). Este é o rótulo comumente usado para designar a hipótese de composição do Pentateuco que tem dominado de forma tão absoluta a erudição bíblica nos últimos cem anos que muitos estudiosos simplesmente a aceitam como válida sem sequer se dar ao trabalho de sustentá-la com evidências. Isso ocorre mesmo a despeito do fato que, recentemente, críticas penetrantes tanto por parte de teólogos evangélicos quanto liberais têm exposto suas principais deficiências.⁴

Mas o que é, efetivamente, a HD? É ela uma teoria convincente acerca da composição do Pentateuco? E ela uma alternativa viável para os cristãos que levam a Bíblia a sério? O objetivo deste artigo é apresentar um breve esboço histórico do assunto, bem como explicar e avaliar a HD.

Com efeito, para a maioria dos estudiosos bíblicos os primeiros dezoito séculos da Era Cristã, o assunto da autoria do Pentateuco era uma questão indiscutível.

*Greg King é Diretor do Departamento de Religião da Pacific Union College.

¹Para uma discussão do significado dos termos Torah e Pentateuco, veja-se Barry Bandstra, *Reading the Old Testament* (Belmont, Calif: Wadsworth, 1995), 24.

²Vale a pena notar que o significado de autoria, nos tempos antigos, é muito amplo (a exemplo do que ocorre também em nossos dias). Por exemplo, de acordo com Jeremias 36:4, Jeremias ditou a seu escriba Baruque as palavras que o Senhor lhe falara, e Baruque foi aquele que, de fato, as escreveu. Então quem deveria ser considerado o autor: Deus, Jeremias ou Baruque? Enquanto muitos corretamente consideram Jeremias como sendo o autor, deve-se lembrar que a mensagem originou-se de Deus e que as palavras foram registradas por Baruque. Portanto, nesse caso, houve três partes envolvidas no processo de escritura. Assim sendo, o termo composição é útil, pois é capaz de dar conta do sentido mais amplo de autoria que é adotado neste artigo.

³O amplamente divulgado livro de Harold Bloom e David Rosenberg, *The Book of J* (New York: Grove Weidenfeld, 1990), argumenta que o autor do documento J, a fonte literária principal mais antiga do Pentateuco, era uma mulher da corte do Rei Salomão.

⁴Do lado evangélico, Duane Garret, *Rethinking Genesis* (Grand Rapids: Baker, 1991) tem sido promovido como a mais convincente refutação da HD. Ele faz notar que, embora suas fraquezas tenham sido expostas, a HD continua a pairar sobre os estudos e simpósios veterotestamentários como uma neblina espessa, nada acrescentando quanto à substância, mas efetivamente obscurecendo a visão (p. 13). Do lado liberal, veja-se Rolf Rendtorff, *The Problem of the Process of Transmission in the Pentateuch*, trad. por John Scullion, JSOTSup 89 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990).

Moisés, o grande legislador e libertador, era aceito como seu autor inquestionável.⁵ Era um assunto que, de fato, parecia óbvio já que vários versos das Escrituras, tanto dentro quanto fora do Pentateuco apoiam essa idéia. Não havia, portanto, razões para questionar a autoria mosaica. Sendo assim, a posição tradicional da igreja Cristã e da Sinagoga Judaica era de que Moisés teria escrito os cinco primeiros livros das Escrituras.

Contudo, com o aparecimento de certas correntes intelectuais na Europa do séc. XVIII, as opiniões passaram a diferir. A ascensão do deísmo filosófico⁶ provocou uma crescente tendência de se questionar as premissas tradicionais do Cristianismo e resultou em um certo ceticismo quanto à opinião tradicional de que Moisés teria escrito o Pentateuco. Aí estava um solo fértil para a disseminação das novas idéias da HD. Um dos precursores da HD foi Jean Astruc, um médico francês que se interessou pela forma como o Pentateuco se refere a Deus através de dois nomes distintos, Yahweh e Elohim, em Gênesis e nos capítulos iniciais de Êxodo. Segundo sua teoria, Moisés teria utilizado duas fontes, uma que se referia a Deus como Yahweh e outra que se referia a Ele como Elohim.⁷

Astruc não argumentou que Moisés não era o autor do Pentateuco. Ele simplesmente queria investigar as fontes que Moisés poderia ter usado em sua composição.⁸ Não obstante, a principal marca da obra de Astruc (isto é, atribuir passagens distintas a diferentes fontes através da utilização dos nomes de Deus como critério) se tornou uma característica importante das teorias que se seguiram. Dentre os muitos eruditos que, a partir daí, se dedicaram ao assunto, destaca-se Julius Wellhausen. Ainda que muitas de suas idéias tenham sido antecipadas por outros pesquisadores, a ele cabe o crédito de ter feito uma formulação definitiva da HD, com grande habilidade e persuasão.⁹ Algo que demonstra a natureza persuasiva dos argumentos de Wellhausen é o fato de que pouco mais de uma década depois da publicação de seu livro em 1878, sua reconstrução da história religiosa de Israel convenceu toda a erudição veterotestamentária da Inglaterra e do restante da Europa.¹⁰

⁵Aqui como em outras partes deste artigo, estou em débito para com os "insights" de Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis, Chapters 1-17*, NICOT (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), 11-12.

⁶Crença em um Deus ausente e correspondente descrença na intervenção sobrenatural e inspiração das Escrituras.

⁷A tradução inglesa do livro de Astruc foi publicada anonimamente, em 1753, sob o título *Conjectures Concerning the Original Memoranda Which It Appears Moses Used to Compose the Book of Genesis* (Nota: livros publicados originalmente em outras línguas são traduzidos para o inglês sob títulos que podem facilmente identificar a intenção principal da obra).

⁸G. J. Wenham et al, eds., *New Bible Commentary: 21st Century Edition* (Downers Grove, Ill.: Intervarsity, 1994), 48.

⁹Com efeito, sua influência no estabelecimento da HD é tão forte que, às vezes, esta é chamada de Hipótese de Graf-Wellhausen, em homenagem a Wellhausen e K. H. Graf. As publicações mais importantes de Wellhausen foram *The Composition of the Hexateuch*, que apareceu em 1876, e *Introduction to the History of Israel*, que surgiu em 1878. Para uma discussão desse assunto, veja-se Gleason L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, ed. Ver. (Chicago: Moody, 1994), 95.

¹⁰Kenneth A. Mathews, *Genesis 1-11*, NAC (Nashville: Broadman and Holman, 1996), 71.

A HD, em sua forma básica, não é difícil de compreender. Ela propõe que embora o Pentateuco pareça uma unidade aos olhos do leitor leigo, ele é, de fato, uma compilação de pelo menos quatro fontes literárias principais, sendo que o processo de sua compilação levou cerca de 400 anos. Segundo a HD, os quatro documentos que serviram de fonte ao Pentateuco foram a Fonte Javista (J), a Fonte Eloísta (E), a Fonte Deuteronomica (D) e a Fonte Sacerdotal (P).¹¹ A Fonte J seria a mais antiga, iniciando com o assim chamado relato da segunda criação em Gn 2:4b e traçando a história de Israel desde o período patriarcal até a preparação para a entrada em Canaã. Tal documento teria sido escrito por um autor anônimo no reino de Judá por volta de 900 ou 850 aC. Sua característica principal seria o uso quase que exclusivo do nome Yahweh para Deus.

A seguir, então, a Fonte E teria sido escrita, seguindo o mesmo relato básico de J, exceto por iniciar com os patriarcas em vez de com a criação. Sendo assim, Gênesis 15 seria o primeiro texto E do Pentateuco. Essa fonte também teria sido supostamente escrita por um autor anônimo do reino de Israel, sendo caracterizada pelo uso de Elohim como nome de Deus. Depois disso, então, por volta de 700 ou 650 aC, um grande passo teria sido dado para a formação do Pentateuco quando J e E foram fundidas por um redator, tornando-se JE. Não obstante, tal redator teria omitido a maior parte da Fonte E, que teria, assim, se perdido para a posteridade.

A Fonte D se limita principalmente ao livro de Deuterônimo. Supostamente produzida em 622 aC, na época da reforma josiânica descrita em 2Re 22, sua principal característica seria um estilo distintivamente homilético. Além disso, ela restringiria a adoração a um santuário central e teria aderido a uma terminologia estritamente vinculada às bênçãos e maldições. Eventualmente, D se teria combinado a JE.

Finalmente, o código sacerdotal, iniciado em Gn 1:1, teria servido como fonte para porções principais em Gn, Êx e Nm, e quase a inteireza de Lv. Supostamente produzida no período exílico ou pós-exílico, por volta de 500 aC, tal fonte se concentraria nas genealogias, assuntos cronológicos e regulamentações sacerdotais. Por volta de 450 aC, P teria sido acrescentado a JED, assim formando o Pentateuco.

Uma analogia pode ser útil para esclarecer esse processo. Amiúde, fios telefônicos são constituídos de fiações diversas que correm paralelamente. Contudo, para evitar o contato com corpos estranhos, os diversos fios são revestidos por uma capa isolante, dando, assim, a impressão de que, de fato, se trata de um único fio. Contudo, fosse a capa externa removida e, então, ficariam expostos os diferentes fios por debaixo. Da mesma forma, a HD argumenta que embora o Pentateuco pareça uma unidade, podem-se discernir nele camadas diversas.¹² Se tomarmos Gn 46

¹¹O rótulo J vem da ortografia alemã Jahveh em vez de Yahweh; o rótulo P vem do inglês Priestly, "sacerdotal." Para uma discussão detalhada das fontes, vejam-se: Hamilton, *Genesis, 1-17*, 14, e Duane * Garret, *The Documentary Hypothesis, The Bible and Spade* 6 (1993), 35.

¹²Cf. Hamilton, *Genesis 1-17*, 15.

como exemplo, a erudição da HD alega que tal texto tenha três fontes diferentes: v. 1 de J, vv. 2-5 de E, vv. 6-27 de P, e vv. 28-34 de J novamente.

Se tal hipótese é correta, quais seriam as implicações para nossa compreensão do Pentateuco? Como ela afetaria nosso apreço do valor e relevância dos primeiros cinco livros da Bíblia? Várias são as implicações. Em primeiro lugar, de acordo com a HD, o Pentateuco é um documento humano. Por isso, tal hipótese não privilegia a inspiração divina. Enquanto seja verdade que a Bíblia, como o próprio Jesus, tenha um componente divino e outro humano, a HD salienta o componente humano às custas do divino. É principalmente por essa razão que os cristãos têm estado indispostos para com essa hipótese desde seu aparecimento.

Uma outra implicação de se aceitar tal hipótese é a resultante fragmentação teológica do Pentateuco. De acordo com a HD, as várias fontes das quais se originaria o Pentateuco promovem um conjunto heterogêneo de idéias teológicas contraditórias, competindo entre si dentro de um panorama geral conflitante. Essa visão do Pentateuco tem levado à publicação de livros que objetivam explorar a teologia de uma fonte particular¹³ e, mesmo, à publicação de uma Bíblia em que cores diferentes são usadas para dar conta de que fonte procede um determinado texto no Pentateuco.¹⁴ Como o Pentateuco está, de fato, pululando com unidade, essa fragmentação é desafortunada, mas inevitável nas análises em que a HD é adotada.

Uma terceira implicação é que o autor dos incidentes históricos registrados no Pentateuco é removido para uma distância de muitos séculos dos eventos que registra. Ora, isso já é verdade, em parte, em relação a alguns eventos narrados em Gênesis por Moisés, contudo, se a Fonte P não se tornou disponível até o ano 500 aC, ela fica, então, mil anos distante do estabelecimento do serviço sagrado no Monte Sinai. Isso acarreta para algumas pessoas dúvidas acerca da confiabilidade do relato, pois na mentalidade da maioria das pessoas há uma relação diretamente oposta entre o lapso de tempo no registro de um evento e o grau de acuracidade de tal registro.

Mas, quais são os argumentos usados para se justificar a HD?¹⁵ A enumeração dos principais argumentos em favor da HD é basicamente a mesma seja em uma obra que defenda a hipótese ou em uma obra contrária a ela. O principal argumento proposto diz respeito aos diferentes nomes de Deus usados no Pentateuco: Yahweh e Elohim. Como mencionado anteriormente, foi esse detalhe que levou Astruc a postular as diferentes fontes. Ora, não há como negar que o Pentateuco efetivamente usa nomes diferentes para Deus. Isso é evidente mesmo em nossas traduções modernas que, geralmente, vertem Elohim como “Deus” e Yahweh como “Senhor”. Entretanto, a declaração que as diferenças nos nomes de Deus indiquem fontes diversas está muito longe da comprovação! Com efeito, várias dificuldades estão inerentes à essa crença. Os eruditos não conseguem ser consistentes ao estabelecer a

¹³ Como, por exemplo, Bloom & Rosenberg, *The Book of J*, que alega explorar a teologia da Fonte J.

¹⁴ A chamada *The Rainbow Bible* [Bíblia Arco-Íris], cf. Hamilton, *Genesis 1-17*, 17.

¹⁵ Cf. Garrett, *The Documentary Hypothesis*, 38ff.

que fontes pertenceriam os trechos por eles analisados. Gênesis 22:11, por exemplo, que usa o nome Yahweh é considerado um texto E. Da mesma forma, o assim chamado relato javista da criação refere-se a Deus não apenas como Yahweh, mas também como Yahweh Elohim. Em vez de considerarmos os nomes como sendo indicativos de fontes diversas, deveríamos considerá-los como indicativos dos diferentes atributos e características de Deus. Elohim é mais um título que diz o que Deus é, e Yahweh é o nome pessoal de Deus no pacto, que diz quem Ele é. Além disso, há inúmeros textos egípcios e mesopotâmicos em que a mesma divindade recebe nomes distintos no mesmo texto, e nem por isso tais textos são considerados como oriundos de fontes diferentes.

O segundo argumento apresentado em apoio à HD é a presença de repetições no Pentateuco. Trata-se de histórias que parecem cobrir o mesmo assunto ou que se apresentam de forma paralela a outras narrativas e que, por isso, são usadas como indícios de diversidade de fontes. Há, por exemplo, um consenso entre os eruditos de que haja dois relatos distintos da criação, o primeiro oriundo da Fonte P (Gn 1:1-2:4a) e o segundo, da Fonte J (Gn 2:4b-25). Da mesma forma, os relatos de Gn 12:10-20 e Gn 20 que incluem uma meia-mentira (primeiro aos egípcios e, depois a Abimeleque) acerca do parentesco de Sara e Abraão são considerados como provenientes das fontes J e E, respectivamente. Porém, o que se pode dizer acerca de tais repetições? Embora os dois primeiros capítulos de Gênesis e seus assim chamados relatos da criação sejam difíceis de compreender, pode-se afirmar que sejam complementares e não conflitantes.¹⁶ Com respeito à falta de honestidade de Abraão, deve-se notar que os dois episódios ocorrem em lugares distintos e sob circunstâncias diversas. Além do mais, não é difícil de aceitar que Abraão, tendo anteriormente empregado o artifício com algum sucesso não hesite em repeti-lo quando a necessidade o exige.

Com respeito a questão das repetições no Pentateuco como um todo, Duane Garret observou que “se dois ou mais eventos separado fossem percebidos como semelhantes pelos escritores antigos, tais escritores tinham a tendência de apresentá-los sob a forma de paralelos.¹⁷ Em outras palavras, essa é uma característica da literatura antiga e nada há de extraordinário nisso! Aqui cabe, pois, a advertência: não se pode avaliar um corpus de literatura antiga com os mesmos critérios usados na avaliação de escritos de nossa época.

Um terceiro argumento empregado para apoiar a HD diz respeito às supostas contradições que existiriam no Pentateuco. Por exemplo, os dois relatos da criação estariam em contradição no que tange à ordem da criação e ao método de formação do homem. Outro exemplo é o aparente conflito entre as referências ao número dos animais que entraram na arca: um par de cada animal em Gênesis 6:20,

¹⁶Garret, *Rethinking Genesis*, 195, fala de “unidade na estrutura e na mensagem de Gênesis 1-2” e elogia o trabalho do erudito Adventista do Sétimo-Dia Jacques Doukhan, declarando que graças a seu trabalho, “qualquer leitura de Gênesis 1-2 como dois textos desconectados e meramente justapostos um ao outro, é impossível.”

¹⁷Garrett, *The Documentary Hypothesis*, 41.

presumivelmente um documento P; e sete pares em Gênesis 7:2-3, presumivelmente um documento J. Não se poderia, contudo, explicar tal divergência de novo com o argumento da complementaridade? A segunda referência esclarece que, dos animais limpos, sete pares embarcaram antes do dilúvio. Com isso não se quer dizer que não haja desafios hermenêuticos concernentes ao Pentateuco quando se defende sua unidade. A misteriosa referência aos filhos de Deus, em Gêneses 6, é um exemplo disso. Contudo, parece uma solução muito fácil falar-se de contradição quando o que parece é que há falta de evidência!

Um quarto argumento é que as diferentes posturas religiosas encontradas no Pentateuco atestam fontes diversas. O estilo do autor javista é considerado mais formal e simples. Ele apresentaria o contato entre Deus e os patriarcas como sendo extremamente direto como é o caso em seu encontro com Abraão, em Gênesis 17:1. A Fonte P seria mais formal e repetitiva, registrando listas, números e genealogias. A Fonte E tenderia a diluir o contato entre Deus e os seres humanos através da mediação de anjos e sonhos (Gn 28:12). Em resposta a isso, poder-se-ia contrargumentar que o estilo literário é determinado, pelo menos em parte pelo tema, e que estilos literários diferentes não indicam necessariamente autoria distinta. Um exemplo moderno desse fato são os diferentes estilos literários empregados pelo grande escritor cristão C. S. Lewis. *The Chronicles of Narnia* ("As Crônicas de Narnia"), um conjunto de livros infantis altamente alegóricos, apresentam estilo inteiramente diverso daquele empregado por ele em *Mere Christianity* ("A Simplicidade do Cristianismo"), sua defesa clássica da fé cristã; contudo, ambos têm o mesmo autor. Destarte, a controvérsia sobre o meio empregado por Deus para se comunicar com os homens é uma discussão pueril. É bastante dizermos simplesmente que Deus pode lançar mão de mais de uma forma de comunicação (cf. Hb 1:1), da mesma forma como, hoje, podemos nos comunicar em pessoa, por telefone, e-mail, etc.

À luz da falta de suporte para essa hipótese, Duane Garrett está certo ao dizer que "a HD deve ser abandonada."¹⁸ Embora ela suscite inúmeras questões que necessitam ser debatidas, as conclusões às quais a HD chega não são válidas.

Por outro lado, se a HD está incorreta, o que se pode dizer acerca da autoria e composição do Pentateuco? Para fazer com que essa questão se torne ainda mais premente, pode-se afirmar que uma análise minuciosa de Gênesis a Deuteronômio revela que nem todas as palavras do Pentateuco se originaram com Moisés. Por isso, permanece a indagação: que postura deve o cristão ortodoxo adotar quanto a esse assunto?

Vários fatores precisam ser levados em consideração. Em primeiro lugar, deve-se buscar uma resposta na própria Bíblia. Nesse sentido, pelo menos três livros do Pentateuco contêm referências a autoria mosaica.¹⁹ A referência de Números 33:2 é a mais valiosa, pois sugere que Moisés mantinha um diário de viagem que pode ter

¹⁸Garrett, *The Documentary Hypothesis*, 49.

¹⁹Cf. Êx 24:4; Nm 33:2; Dt 31:9,24.

sido usado posteriormente como fonte de informação para a redação do Pentateuco. Também Jesus declara que Moisés é seu autor em João 5:46. Jesus não diz que Moisés falou a seu respeito, mas declara que Moisés escreveu sobre ele. Ora, a opinião de Jesus sobre o assunto deveria ser muito importante para uma decisão sobre o caso, pois tal decisão deveria refletir a posição do Senhor a quem os cristãos professam seguir.

Porém, os cristãos que defendem a autoria mosaica devem estar cientes de que dificilmente aparecerá uma evidência contundente que convença os cépticos. É bastante improvável que apareça a versão original de (Gênesis ou Êxodo com a epígrafe Escrito por Moisés. Por outro lado, estejamos seguros de que há evidência consistente que favorece nossa posição. O texto reflete um *background* egípcio bastante coerente com o fato de que Moisés tenha passado quarenta anos de sua vida naquele país.²⁰ Com isso, não se está afirmando que Moisés escreveu cada palavra do Pentateuco nem que seu atual texto corresponda, com exatidão, ao texto por ele produzido. Há indícios claros de que houve uma atividade editorial após o exílio babilônico, como, por exemplo, o relato da morte de Moisés em Deuteronômio 34. Obviamente, uma estima elevada da inspiração bíblica não dispensa necessariamente a intervenção editorial de outrem que não o autor original. Tampouco se pode dizer que cada palavra seja original de Moisés. Não é apenas possível, mas também provável, que Moisés tenha feito uso de fontes escritas (veja-se Nm 21:14), a exemplo do que ocorreria mais tarde com Lucas (veja-se Lc 1:1-4). Além disso, Moisés deve também ter lançado mão da tradição oral.²¹ Destarte, a originalidade não é requisito de inspiração. Toda a verdade pertence a Deus e Ele tem o direito de inspirar Seu profeta a fazer uso dela, mesmo se derivada de outra fonte, quer oral ou escrita.

Ao mesmo tempo, deve-se salientar que era possível a Deus inspirar a Moisés através de sonhos e visões. Por isso, é bem provável que o relato da criação seja oriundo desse tipo de revelação especial. Os quarenta dias que Moisés passou no Monte Sinai certamente lhe concederam tempo para receber uma tal revelação que, posteriormente, poderiam ser registradas nas Escrituras. Por outro lado, não seriam necessárias visões para que Moisés pudesse relatar os eventos que se passaram com os israelitas enquanto os conduzia pelo deserto.

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que, à luz das deficiências inerentes à HD, esta não deve ser promovida como um pavilhão seguro da interpretação do Pentateuco por estudiosos que crêem na inspiração bíblica. Muito pelo contrário, a ocasião é extremamente oportuna para que afirmem uma posição mais tradicional,

²⁰No Pentateuco são empregadas palavras egípcias e há diversas referências aos costumes e práticas do Egito. Cf. Archer, *Survey of Old Testament*, 118-125.

²¹Ellen White, na introdução de *The Great Controversy* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1911), comenta: "Durante os primeiros dois mil e quinhentos anos da história humana, não havia revelação escrita. Aqueles que haviam sido ensinados por Deus comunicavam seu conhecimento aos demais, passando-o de pai para filho nas sucessivas gerações. A preparação da palavra escrita começou na época de Moisés."

que esteja em harmonia com a Palavra de Deus, com os ensinamentos da própria Bíblia, e que seja consistente com o conceito de inspiração divina dos Escritos Sagrados.²²

²²Matthews Argumenta que os tradicionalistas podem estar tendo, agora, a melhor oportunidade em duzentos anos “para defender uma alternativa viável no conturbado ambiente que surgiu nos estudos acerca do Pentateuco.” *Genesis 1-11*, 76.